

Apocalipse 7: uma aproximação por meio da pluralidade dos comentaristas

*Valtair Miranda**

Resumo

O autor afirma que Apocalipse é de difícil interpretação. Isso gera muitas opiniões concernentes às passagens desse livro, deixando os leitores atuais em sérias dúvidas sobre que livro ou comentário consultar, para uma melhor compreensão do texto. Essa pluralidade dos comentaristas, demonstrada nesse artigo em Apocalipse 7, existe por causa da dificuldade em se compreender a literatura apocalíptica, e também por causa dos vários métodos de leitura do livro que surgiram durante a história da igreja. Os leitores do Apocalipse precisam se aplicar no estudo não só de um, mas de vários comentários, para conseguirem formar uma opinião sobre o texto bíblico.

Palavras-chaves: Apocalipse – pluralidade – métodos de leitura.

Abstract

The author affirms that the Book of Revelation is of difficult interpretation, generating a number of opinions regarding the passages in this book, and leaving the readers today in serious doubts about which commentary to consult in order to better understand the text. Such plurality of commentators - exemplified in this article in Revelation 7 - exists because of the difficulty to understand apocalyptic literature, and also because of the various methods of reading the book that have appeared during the history of the church. The readers of Revelation need to apply themselves to the study not only of one, but of several commentaries, in order to be able to reach a decision regarding the meaning of the biblical text.

Key-words: Revelation – plurality – reading methods.

Introdução

O livro do apocalipse é o último das Escrituras cristãs. Ele fecha a revelação divina e encerra a vontade de Deus para o ser humano. Que o livro é uma obra difícil de ser interpretada não há dúvidas, mas é impressionante como se torna complicado o acesso a algum texto específico do Apocalipse se o leitor precisar recorrer a algum comentário bíblico.

* O autor é Mestre em Ciências da Religião e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Atua como Coordenador de Teologia no Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, no Rio de Janeiro, onde é professor de Novo Testamento.

Esses comentários bíblicos têm como função facilitar a compreensão de passagens da Bíblia e ajudar na aplicação dos textos às vidas dos leitores ou dos ouvintes das pregações. Mas no caso do Apocalipse de João, essas obras parecem não ajudar muito. Pelo contrário, elas aumentariam ainda mais a sensação de confusão. Isso é percebido por causa do grande número de interpretações diferentes sobre um mesmo texto.

Para exemplificar, escolhi um texto (no caso, Apocalipse 7) e procurei verificar o que alguns comentários disponíveis para os leitores de língua portuguesa diriam sobre ele. As interpretações de cada autor serão sintetizadas. Não há um princípio geral na escolha dos autores ou das obras. Na verdade, eles foram definidos aleatoriamente apenas demonstrar o princípio de confusão que impera nas interpretações da obra de João.

O texto trata dos que foram selados e da grande multidão de remidos. Ele segue abaixo:

Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na frente os servos do nosso Deus. Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel: da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil. Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus, que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação. Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, dizendo: Amém! O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graças, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus, pelos séculos dos séculos. Amém! Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima. (Ap 7:1-17)

O capítulo 7 acontece paralelamente ao capítulo 6. O capítulo 6 relata a destruição da terra e o capítulo 7 descreve como a igreja é selada. O verso 3 do capítulo em foco é claro sobre quem são os selados: os servos de Deus. Mas para identificar os 144.000 e a grande multidão há uma confusão. Os 144.000 não são os israelitas, mas é um número simbólico para representar todos os que creram, do Antigo Testamento, do Novo Testamento, do passado, do presente e do futuro. Esses 144.000 simbolizam a totalidade dos servos de Deus que foram selados por Deus. A grande multidão é a mesma coisa. João ouviu os 144.000, mas quando os viu, denominou-os de “multidão inumerável”.

LOCKYER, H. **Apocalipse: O drama dos séculos.**

Este autor é dispensacionista pré-tribulacionista. Ele denomina Apocalipse 7 de “capítulo da graça” (p. 85). Para ele, são duas visões distintas, uma referente a Israel (os 144.000) e a outra aos gentios (a grande multidão). São dois grupos de santos remidos. Nesse ponto da história da salvação a igreja já foi arrebatada. Este evento impressionante comoveu os gentios e judeus, que se converteram. Os 144.000 são realmente judeus salvos. É um número preciso e literal. Mas foram selados antes da grande tribulação para poderem passar por ela.

MCDOWELL, E. A. **A soberania da história.**

O capítulo 7 é um prelúdio à abertura do 7º selo. Antes da destruição do mundo, os servos de Deus precisavam ser protegidos. Para McDowell, os 144.000 se referem aos servos de Deus indistintamente. É composto pelo remanescente judaico que se converteu e pelos cristãos gentios. Neste caso, é um número simbólico. Eles representam, desta forma, os eleitos de Deus. O número sugere perfeição, e quando os perseguidos pelos Imperadores romanos liam a visão, se sentiam confortados ao saberem que se encontravam selados por Deus. A grande multidão inumerável é a visão dos servos de Deus no céu, já glorificados. Os 144.000 na terra e a multidão no céu formam, entretanto, o mesmo grupo.

LADD, G. E. **Apocalipse: introdução e comentário.**

As pragas sobre a terra serão retidas até que o povo de Deus seja selado. Deus vai derramar grandes pragas sobre sociedade apostata e cruel antes que venha o fim. Mas os selados serão protegidos. O selo é um fenômeno espiritual e não visível. Os 144.000 se referem a todo o povo de Deus que foi protegido durante a grande tribulação (a igreja

ainda não foi arrebatada). Já a grande multidão é igualmente a igreja, só que agora no céu. É formada por crentes que já morreram, talvez martirizados na tribulação, mas estão salvos no céu agora. Ladd gasta uma boa parte de sua análise para expor uma crítica à teoria dispensacionalista pré-tribulacionista.

CORSINI, E. **O apocalipse de São João.**

O selo de Deus é uma comunicação da vida divina. Noutras palavras, esses servos marcados na frente são salvos. O selo seria a salvação. Os 144.000 são os israelitas. O numero é pequeno para representar que não é o pertencer a um povo que dá a salvação, mas o aceitar ou não o Messias. São Judeus que se salvaram. A multidão é toda a humanidade salva e remida. Não veio da perseguição da tribulação, mas o sangue de Cristo os lavou. A narrativa do capítulo 7 de Apocalipse não é uma referência a um evento futuro. João estaria falando de judeus da antiga aliança que foram chamados por Deus de todas as 12 tribos e, por causa da fé em Deus e da esperança no Messias, enfrentaram a morte. Desta maneira puderam participar da vida divina.

MIDKIFF, H. P. **Estudo sobre o Apocalipse.**

O capítulo 7 é um interlúdio entre a abertura dos dois selos. Os 144.000 são os judeus. A lista começa por Judá, pois dela saiu o Messias. Mas ao continuar a cena, a grande multidão se refere aos filhos de Deus salvos pelo cordeiro. Se os 144.000 são judeus, a grande multidão é a totalidade dos redimidos.

MALGO, Wim. **Apocalipse de Jesus Cristo. V III.**

O anjo único que sobe do nascente do sol é o próprio Jesus Cristo. Durante a grande tribulação, 144.000 israelitas serão eleitos e salvos ou selados. A experiência do selo será uma conversão em massa de um remanescente judeu, evento que se dará durante a tribulação depois do arrebatamento da igreja. O numero é literal e preciso. O autor explica a ausência de duas tribos (Dã e Efraim) argumentando que Dã não é enumerada pois dela sairá o anticristo. Efraim não foi mencionada pois já está representada por José. O selo será visível exteriormente para que o anticristo não ouse toca-los. A grande multidão passou pela tribulação e é formada por cristãos nominais que não foram arrebatados, mas se converteram depois do arrebatamento, e por pessoas de todas as raças que igualmente se converterão no terrível período. A grande multidão será martirizada pelo anticristo.

NOVAH, M. S. S. **Apocalipse, livro aberto.**

O anjo do nascente do sol é um anjo de categoria superior, mas não é Jesus. Os 144.000 são realmente judeus consagrados que foram escolhidos. Dã não foi relacionada por causa da sua idolatria. Este número é literal e indica o conjunto específico de pessoas que serão selados de cada uma das 12 tribos listadas (versos 5-8). Eles serão preservados durante a tribulação. Para Novah, os judeus serão os evangelistas do período da tribulação, já que a plenitude dos gentios já cessara. A grande multidão está no céu, logo, após a tribulação. Os 24 anciãos representam a igreja arrebatada antes da tribulação, enquanto essa multidão é formada por muitos convertidos durante a tribulação (pela pregação dos judeus).

BLOMFIELD, A. E. **O futuro glorioso do planeta Terra.**

O arrebatamento ocorrerá antes da tribulação. As pessoas que ficarem ainda poderão se converter, mas terão que sofrer na tribulação. O selo é uma proteção contra as sete últimas pragas, que serão terríveis. Os 144.000 são judeus convertidos após o arrebatamento. As pragas virão contra o anticristo e esses judeus precisarão de proteção contra elas e contra o próprio adversário universal. Entre a selagem dos 144.000 e a volta de Cristo haverá sete anos. Esses judeus darão as boas vindas a Jesus na volta de Jesus (*parousia*), pois serão o povo de Deus na terra durante esse período. Os nomes das tribos judaicas mencionadas no capítulo descrevem características desses judeus especiais, e por isso Dã e Efraim não forem relacionados. Dã significa juízo e Efraim aumento, já que são em numero fixo e preciso. Durante a tribulação, os céus pregarão através dos cavaleiros especiais. Através dessa pregação celestial muitos se converterão, mas esses salvos da tribulação serão duramente perseguidos pelo anticristo, mortos e ressuscitados a um só tempo, compondo a multidão que o escritor sagrado viu no céu.

ASCHCRAFT, Morris. Apocalipse. In: ALLEN, C. J. (ed.) **Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento. V. 12**

Os 144.000 e a multidão são o mesmo grupo, só que os primeiros estão na terra e o segundo grupo está no céu. Não são judeus literalmente, mas espiritualmente, ou seja, são o “Novo Israel”, a Igreja. O numero também não é literal, mas simbólico. A grande multidão é formada por todos que se converteram a Cristo na tribulação. Foram perseguidos, mas agora terão o consolo do próprio Deus.

Considerações finais

Por esses exemplos vê-se que comentaristas da mesma linha divergem em detalhes importantes ou ampliam por demais a mesma interpretação, como os dispensacionalistas Lockyer, Midkiff, Malgo, Novah e Bloomfield.

Por que tantas diferenças? Existe uma interpretação com garantias de veracidades acima das outras? Qual deve ser a posição do leitor diante de tantas interpretações?

A palavra “APOCALÍPSE” significa algo encoberto que é revelado, ou simplesmente descortinamento, revelação. Isso indica que o conteúdo do último livro do Novo Testamento deveria ser mais claro para os leitores apaixonados pela Bíblia. O que pode, entretanto, explicar a dificuldade de clareza é a distância entre contexto histórico-social dos primeiros leitores e o contexto histórico-social dos leitores da atualidade. A linguagem que João utilizou já era conhecida na tradição judaica fazia vários séculos, numa corrente contínua que poderia retroceder a Daniel.

A razão das diferenças começa neste ponto: pela maneira de se entender a literatura apocalíptica de um modo geral e como ela influenciou o Apocalipse de João, com seus simbolismos, com sua função social, com sua missão de consolo e defesa da justiça etc. Enquanto alguns interpretes aceitam essa influência, e procuram verificar suas conseqüências, outros a negam, afirmando que o Apocalipse não sofreu influência de qualquer tipo e sua mensagem precisa ser entendida da forma mais literal possível.

As diferenças de interpretação existem ainda por causa dos vários métodos de leitura do livro que surgiram durante a história da igreja. Os principais serão mencionados abaixo junto com suas principais ênfases:

- FUTURISTA. Vê o Apocalipse relacionado apenas com as coisas do fim. Sua interpretação é literal e não tem relação com a época do escritor.

- PRETERISTA. O apocalipse é mais uma obra da literatura apocalíptica da época, não tendo valor como Escritura Sagrada. É preterista porque só vê a mensagem do livro relacionada com a época do escritor.

- HISTÓRICO. O livro é um manual de história da Igreja com todos os seus pormenores. Vê-se a besta como o Papa, a grande prostituta como o papado, etc.

-FILOSOFIA DA HISTÓRIA. O livro é a descrição das forças que se encontram subjacentes aos eventos da história da humanidade. Não registra os eventos, mas é uma narração fictícia com um fundo filosófico (como os escritos de Platão). No Apocalipse podem ser encontrados os princípios que regem a batalha mundial entre o bem e o mal.

- HISTÓRICO-PROFÉTICO. Vê o apocalipse como um livro inspirado que se preocupa também com a situação da sua época. Por ser inspirado, confortou os primeiros destinatários durante as crises de sua época, consolou os crentes no decorrer da história, mas é profecia também, indicando acontecimentos que se darão nos últimos dias da terra. É um livro cheio de simbolismo e não pode ser interpretado literalmente.

Esses métodos de interpretação deram origem a várias correntes escatológicas. Por exemplo, o método futurista deu origem à corrente escatológica denominada dispensacionalista. Essa corrente é a mais comum entre os comentaristas relacionados neste trabalho. Mas é a mais radical, interpretando literalmente alguns momentos, fazendo cálculos matemáticos precisos e tornando a escatologia um tema imprescindível para se esperar pela volta de Cristo.

Uma outra razão para tantas divergências é a postura exacerbada de alguns escritores. No livro de Hal Lindsay “A agonia do grande planeta Terra”, ele se considera um legítimo profeta dos últimos tempos (p. 51), o que faz com que sua palavra seja autoridade para seus leitores, da mesma forma que o próprio livro de Apocalipse. Apesar de nem todos esses “profetas” concordarem entre si, o fato de ser um discernimento especial de Deus torna seus livros e comentários algo como uma revelação passo a passo do que está por acontecer. Eles se vêem como a última voz de Deus para o mundo, e não se importam muito com o que outros estudiosos do Novo Testamento pensam sobre tais textos ou com regras hermenêuticas apropriadas para a leitura bíblica.

Curiosamente, autores como Lindsey multiplicam-se a cada dia, trazendo confusão para a cabeça dos leitores do Apocalipse de João.

Aparentemente, o uso do método histórico-profético, que leva em conta o pano de fundo do livro sem perder de vista seu papel profético é uma boa maneira de se interpretar o Apocalipse. Entretanto, independente da forma como se interpretam os eventos, é importante evitar o fundamentalismo escatológico. Recomendo que alguns temas sejam vistos como essenciais, tais como a volta de Cristo, a ressurreição dos mortos, a existência de um novo céu e uma nova terra, o juízo divino sobre todas as coisas, a vitória de Cristo e seus seguidores sobre todos os seus inimigos. Outros temas, entretanto, podem estar abertos a um contínuo debate.

Neste sentido, uma boa postura diante de um texto cheio de interpretações divergentes é a humildade e a convicção de que ninguém é dono de verdade. Além disso, a salvação de um indivíduo não é condicionada à sua posição escatológica. No essencial, deve-se buscar um consenso; no que não é essencial, liberdade.

Entretanto, a maior parte dos livros sobre o Apocalipse que circulam atualmente são de autores radicais que colocam importância demasiada em questões não essenciais, como o milênio e a seqüência dos eventos.

Usando o método histórico-profético, uma boa leitura dos 144.000 seguidores de Cristo em Apocalipse 7 aparece em McDowell. Ele apresenta o que a mensagem significou para os primeiros destinatários e, em seguida, fornece sua interpretação sobre quem seriam estes enigmáticos personagens na realidade presente da igreja, bem como quem seria a grande multidão numa realidade escatológica.

É importante que o leitor do Apocalipse não fique apenas na leitura de um único comentário sobre o livro, e como consequência só tenha uma única posição sobre sua interpretação.

De qualquer maneira, felizmente, toda essa confusão de leituras vai acabar quando esses eventos saírem do livro e entrarem para a história da humanidade, na concretização da esperança de cada cristão e cristã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASHCRAFT, Morris. Apocalipse. In: ALLEN, C. J. (ed.). *Comentário Bíblico Broadman: Novo Testamento*. Vol. 12. Rio de Janeiro: JUERP, 1985.
- BLOMFIELD, A. E. *O futuro glorioso do planeta Terra*. Venda Nova: Betânia, 1987.
- CORSINI, E. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.
- LADD, G. E. *Apocalipse: introdução e comentário*. São Paulo: Ed. Vida Nova, 1980.
- LINDSEY, H. *A agonia do grande planeta Terra*. 5. ed. São Paulo: Vida, 1988.
- LOCKYER, H. *Apocalipse: O drama dos séculos*. 3. imp. São Paulo: Vida, 1988.
- MALGO, Wim. *Apocalipse de Jesus Cristo*. Vol. III. Porto Alegre: Chamada da Meia Noite.
- MCDOWELL, E. A. *A soberania da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1976.
- MIDKIFF, H. P. *Estudo sobre o Apocalipse*. São Paulo: Publicação Independente, 1989.
- WILCOCK, M. *A mensagem de Apocalipse*. 1. ed. São Paulo: ABU, 1986.